

Antropologia de Santo Ireneu

Aluno: Sérgio Albuquerque Damião

Orientador: Paulo Cezar Costa

Introdução

O objetivo da teologia é falar de Deus, do Cristo, dos homens... Tudo mergulhado em uma fina e tênue linha de pensamento que busca realizar a união destes elementos dentro de uma síntese coerente e unitária, ao mesmo tempo em que respeita a alteridade de cada dimensão envolvida dentro desta espiral. Porém, durante muito tempo a reflexão cristã esteve alicerçada em uma noção fixista da criação, do cosmos, fruto de uma leitura historicizante das narrativas bíblicas da criação. O imaginário girava em torno da nostalgia de uma dupla perfeição perdida: a perfeição do mundo e do homem. É o arquétipo da idade do ouro, a antiga compreensão de que nos primórdios tudo se encontrava em uma melhor situação tão comum dentro das culturas. Quanto mais a situação atual é difícil de ser vivida, tanto mais se é tentado a compensar voltando a um passado de felicidade imaginária.

Com efeito, esta nostálgica compreensão do mundo trouxe conseqüências negativas para a fé cristã e, conseqüentemente, para sua noção de criação e salvação. Inserido neste movimento está o homem, que se vê destituído de sua condição primordial de bem-aventurança para ser lançado na realidade dura da finitude em que se encontra. Desdobra-se, assim, uma história entendida dentro de uma progressiva degradação para depois sobrevir uma restauração da perfeição primitiva por um salvador providencial. Entretanto, a concepção antropológica daí resultante torna-se demasiadamente pessimista e estática. Depois de tudo isso parece contraditório a constatação de Deus diante da criação: “e viu que tudo era muito bom.”

Entretanto, diante das novas descobertas científicas acerca do universo tal visão vê-se desafiada por uma realidade em constante evolução. O ser humano não pertence mais a um universo estático, mas percebe um cosmos penetrado por um intenso movimento de mudança, também constatável em todas as áreas dos seres vivos. Diante destas descobertas, a mensagem cristã já não pode continuar aprisionada a uma concepção que compreenda o humano como um ser que determinado desde o início, não está também aberto à mudança, ao crescimento.

Dessa forma, o pessimismo antropológico que durante séculos permeou o pensamento cristão não responde aos questionamentos do homem moderno. É necessário a busca por novas formas de expressar sua mensagem sobre aquele que é o centro da criação, o humano, e que inserido no processo evolutivo é chamado a viver sua mais profunda vocação: ser imagem e semelhança do Criador. Assim, percebe que este processo de desenvolvimento da sua vocação consiste, na verdade, em um movimento de humanização percebido diante de um horizonte que se abre como possibilidade de vivência de sua própria condição humana frágil e limitada.

Objetivo

Por tudo isso, a presente pesquisa busca, baseando-se na reflexão antropológica de Ireneu de Lião, apontar a dimensão positiva da situação humana na criação, de onde deve haurir seu destino no contínuo devir à qual está destinado. Portanto, ao mesmo tempo em que tal condição é indicada, a própria noção antropológica existente dentro do cristianismo, quando permeada por uma sensação de degradação da condição humana e nostalgia de uma

possível perfeição passada, deve ser rejeitada. Pretende-se indicar caminhos para uma melhor compreensão antropológica dentro de um universo em evolução. Ressaltando que o próprio homem está inserido neste processo criativo-evolutivo.

Para isso, evidencia-se a noção evolutiva da própria história do homem inserido em um lento processo de maturação. Este processo inicia-se no instante da criação e culminará na divinização do homem e, conseqüentemente, de todo o cosmos. Todavia, antes de fazer a experiência do divino, o homem deve experimentar o humano, com toda sua fragilidade e finitude. Encontramos aí a originalidade do pensamento ireneano: o ser humano é potencializado, desde sua criação, para assumir, na fragilidade de sua condição humana, a Força de Deus, mergulhando, assim, na divindade própria do Criador. Todo este processo é realizado no decorrer da história humana, que se percebe envolvida em um contínuo movimento de devir.

A experiência de sua condição humana se dá no interior da criação. Com efeito, Ireneu afirma que o homem ante de adentrar na incorruptibilidade deve experimentar sua profunda e intrínseca relação com a natureza, mediante a consciência de sua responsabilidade diante desta. Assim, o ato de assumir-se como humano, frágil e finito, primeiro passo no processo de deificação, está profundamente ligado à descoberta de sua pertença ao universo criado.

Feito “criança” no início, o ser humano deve crescer até tornar-se “adulto”, na plenitude dos tempos. Este crescimento ocorre dentro da história, na abertura e no acolhimento do Amor divino que conduz à perfeição na caridade e ao cuidado responsável com o universo.

Metodologia

Buscando alicerçar a pesquisa aqui empreendida, utilizamos o contato com a principal obra do autor: *Contra as Heresias*. Entretanto, para evitar considerações anacrônicas e conseqüentes extrapolações, seus escritos foram analisados levando-se em conta seu contexto histórico. Com efeito, a obra de Ireneu de Lião foi desenvolvida em um ambiente de conflito com o gnosticismo, por isso se faz necessário a análise do corpo doutrinário gnóstico, considerando as diversas correntes heterodoxas que nele subsistiam. Compreendendo sua importância, esta contextualização realizou-se utilizando referencialmente o livro “*Manual de Patrologia*” escrito por Hubertus R. Drobner para um panorama geral dos aspectos centrais da época do autor. Após este estudo histórico acerca do gnosticismo é indicada sua linha de pensamento no que se refere à noção antropológica.

A segunda etapa da pesquisa é delineada no acesso a comentadores, principalmente o livro “*Espiritualidad de San Ireneo*” escrito por Antonio Orbe, S.J. Mediante a pesquisa bibliográfica, foram sendo construídos os tópicos principais do estudo empreendido. A terceira etapa consistiu no aprofundamento dos tópicos selecionados e sua explicitação.

Da imperfeição humana à perfeição divina

Dentro das diversas escolas existentes no interior do gnosticismo, destacaremos a doutrina valentiniana por ser a corrente que mais se defronta com a argumentação ireneana.

Valentim era originário do Egito e foi a Roma por volta do ano 140, como relatam Ireneu (*Adversus Haereses* III 4,3) e Eusébio (*História ecclesiastica* IV 11,1). Nesta cidade, abandonou a ortodoxia e fundou sua própria escola. Depois de 155, dirigiu-se ao Oriente, talvez Chipre. De volta a Roma, faleceu pouco depois de 160. Teve discípulos célebres em meados do século II: Ptolomeu e Heráclio, no Ocidente; Marcos, o Mago, e Teódoto,¹ no Oriente. De suas obras conservaram-se poucos fragmentos, encontrados principalmente nos escritos de Clemente de Alexandria. Escreveu homilias, salmos e cartas. Hipólito (*Refutatio*

¹ Kuntzmann R. – J. Dubois D. Nag Hammadi, O Evangelho de Tomé. São Paulo, p. 17.

VI 37,7) conservou um de seus hinos. Tampouco se pode relacionar diretamente a ele nenhum dos escritos encontrados em Nag Hammadi.²

Todavia, graças aos relatos dos adversários do gnosticismo, temos boas informações sobre o sistema doutrinário de Valentim na versão exposta e transmitida por seus discípulos. No entanto, recentemente surgiram dúvidas se o sistema exposto seria realmente o original.

O primeiro ponto que se deve destacar na visão valentiniana é a formação do homem pneumático pelo Deus Bom, o que lhe confere, desde o início, a perfeição. O único “Antropos” espontaneamente e diretamente feito por Deus é o Filho de Deus, que passa por duas fases: a interior, como Unigênito, concebido no seio do Pai e a exterior, como Cristo, nascido fora do Pai para demiurgo universal e Salvador do mundo. Masculino e perfeito em ambas as fases, o Filho de Deus, dotado desde sempre com a visão do Pai e em comunhão de espírito com Ele, não é passível de progressão. O Filho de Deus nasce perfeito. Forma e medida pessoal do Pai, consubstancial com Ele, possui sua mesma natureza e vida. Sua denominação variava. Alguns o denominavam o Varão, como alusão a sua perfeita substância e dinamismo. O seu contraponto seria a Sofia, caracterizada pelo pneuma feminino. Dessa forma acentuavam a diferença qualitativa existente no Pneuma “perfeito” do Filho e o “imperfeito” da Sofia, origem da Igreja espiritual.

Este homem perfeito não compromete o surgimento e a história do pneuma “imperfeito”, a partir de Adão, na linhagem representada por Set. O Pneuma da Sofia o introduz como semente no mundo. Ignorante de si, sujeito às leis da matéria e alma racional, preso ao regime da morte mesmo estando destinado à vida divina. Deriva disto a necessidade de amadurecimento do pneumático neste mundo. Só assim poderá ele superar o regime de ignorância e morte em que está mergulhado a passar ao sistema da gnose e vida.

Este homem pneumático é substância, porção emanada da Sofia. Qualitativamente imperfeito destituído da Gnose, é filho natural de Deus. Chamado em substância à Gnose, porém incapaz dela. Este não é dotado das propriedades do Pneuma masculino de Deus e de seu Filho, nasce aqui sujeito às limitações do hílico e do psíquico,³ com quem convive em regime de ignorância. Conhece, dessa maneira, a etapa que antecede a Gnose e a que lhe é conseqüente. Antes da Gnose se submete às leis da matéria e da razão. Depois da Gnose tudo muda radicalmente. Ele é feito pneuma “perfeito” assumindo as propriedades do Unigênito. Superada a ignorância de si adquire consciência de sua origem divina, sendo conduzido, agora, pelo Espírito do Filho, abre-se a Deus.

Por ser a Gnose obra peculiar do Cristo e iniciá-la sua tarefa salvífica na plenitude dos tempos, assim, nenhum homem chegou à perfeição no Antigo Testamento. Apenas com a vinda do Cristo no Novo Testamento a Gnose chega ao homem pneumático. Este conhecimento tem lugar para cada indivíduo em seu dia e momento, como dom gratuitamente conferido pelo Salvador. O pneumático, feito masculino, liberta-se do regime de ignorância e morte ressuscitando, assim, para a vida do Pneuma perfeito, em comunhão com o Filho e com o Pai. O indivíduo é levantado acima das leis do mundo material, sendo inserido no espiritual, penetrando no regime do homem perfeito.

Sobram, ainda, duas fases que estão presentes no contexto eclesial e conduzem todos os espirituais já iluminados: o banquete nupcial na Ogdôada no fim dos tempos e o ingresso no Pleroma para consumir o matrimônio entre anjos e homens iniciada no momento da Gnose já nesse mundo, mas só plenamente realizado no mundo espiritual. Para isso os gnósticos apresentam dois caminhos que abrangem desde a aparição do pneumático até seu retorno a Deus. Estes dois caminhos tocam em um aspecto ao indivíduo e em outro à igreja.

O caminho individual conduz por etapas iguais para todos: hílicos, psíquicos e gnósticos. Apenas no final desse processo o gnóstico passa a ser governado pela lei do

² DROB NER, Hubertus R. Manual de Patrologia. Rio de Janeiro, 1995, p. 118.

³ ORBE, A. S.J., Espiritualidad de San Ireneo. Roma, Editrice Pontificia Università Gregoriana, 1989, p. 29

espírito. Os valentinianos focam seu olhar, sobretudo, nos homens capacitados pelo Pneuma. Os psíquicos e os hílcos não estariam preparados para tal processo.

A princípio, de acordo com a reflexão valentiniana, a Economia Salvífica se subordina à lei natural.⁴ Nada supera as leis da própria substância.⁵ Portanto, uma substância não divina é incapaz de alcançar a perfeição. O processo que vai do imperfeito ao perfeito, no nível do divino, só é alcançável pelo pneumático. Este avança do Pneuma feminino infundido pela Sofia, dinamicamente imperfeito, ao Pneuma masculino, dinamicamente perfeito, infundido pelo Cristo na plenitude dos tempos. Porém, esta mudança não é fruto de uma evolução ontológica, mas tal prerrogativa já está presente no pneumático desde o início. Assim, ele é divino desde sua concepção com o diferencial da necessidade de entrada na gnose para que sua perfeição possa aparecer. Dessa forma, a gnose é o movimento interno que traz à tona a potencialidade aprisionada no corpo do homem pneumático, mediante os ritos de iniciação, liberando-o para a vivência de sua real condição divina.

O tema do desenvolvimento humano que caminha rumo a um amadurecimento adquire inusitada relevância no pensamento ireneano. O processo que, para os valentinianos, vai do Pneuma feminino para o masculino, para Ireneu percorre a distância da Carne ao Pneuma, da fragilidade humana à Potência divina.

*“Se alguém perguntasse: Ora! Deus não podia fazer o homem perfeito desde o princípio? Saiba que no que diz respeito a Deus, que é incriado e sempre igual a si mesmo, tudo era possível, mas as suas criaturas, enquanto receberam depois o início da existência, eram necessariamente inferiores a quem as fez. Com efeito, era impossível que seres criados há pouco fossem incriados, e, pelo fato de não serem incriados, estão abaixo da perfeição e pelo fato de serem subseqüentes são como criancinhas e como tais não estão acostumados nem treinados para disciplina perfeita.”*⁶

Diferentemente dos gnósticos, Ireneu só conhece o homem terreno onde a imagem e semelhança divina se cumprem. Portanto, não existiriam três níveis de humanidade de acordo com as disposições para se alcançar, ou não, a divinização, mas apenas a humanidade frágil que criada por Deus é potencializado para alcançar a deificação. Surgem então os questionamentos levantados pelos gnósticos: por que Deus não fez o homem perfeito desde o princípio? Por que não lhe concedeu, com a própria visão, sua Vida eterna?

Aos gnósticos responde com a afirmação da perfeição divina. Deus é Incriado, não muda. O ser humano, ao contrário, é mutável, finito. Não se discute a onipotência de Deus, mas a capacidade da criatura terrena, carnal, para suportar a visão de Deus. O ser humano como criatura deve progredir amadurecendo até alcançar a perfeição. Apesar de ressaltada a situação imperfeita da criatura humana é apontada uma potencialidade intrínseca de desenvolvimento e crescimento.

A situação do humano recém criado é, dessa forma, “infantil”, com absoluta inexperiência mesmo na ordem do humano, deixaria de ser criatura se tivesse sido revestido desde o princípio com a perfeição do Criador. Primeiro deve ser homem “infantil”, mais tarde, na plenitude, será divino, “perfeito”. Ambas realidades vividas na substância terrena, criada. Tal antítese - infantil/perfeição – cumpre-se no homem carnal.

Conduzido pelo Espírito, o ser humano inicia, ainda no corpo e em regime infantil, sua progressão para o amadurecimento. O mesmo Espírito, que ao princípio se comunicará ao corpo como leite à criança, lhe dará “in crescendo”, alimentação cada vez mais sólida, até a consumação onde adentrará na imortalidade de Deus. A pedagogia divina é clara: se o alimento mais forte lhe fosse dado quando ainda criança o conduziria à morte.

⁴ DE LIÃO, Ireneu. Contra as Heresias, II 2,4

⁵ DE LIÃO, Ireneu. Contra as Heresias, II 29,1-4

⁶ DE LIÃO, Ireneu. Contra as Heresias, IV 38,1

Também em Ireneu encontramos dois aspectos de um mesmo caminho revelador: um humilde e glorioso, do Salvador servo revelado para o estado “infantil” e por isso acessível e outro para os perfeitos, na plenitude de Deus.

No primeiro aspecto existem duas circunstâncias: o tempo e o modo.⁷ O tempo é onde se desenvolve o processo de deificação da sarx humana. É no tempo que o homem adquire e assume sua humanidade, submetendo-se ao processo que o transporta do “infantil” para o “adulto”. Teríamos uma pré-história em Adão: retirado da terra virginal, foi plasmado pelo Verbo e pelo Pneuma antes de receber o hálito da vida. A terra virginal de onde originamos deve colocar-se ao longo de um período de maturação para receber o Filho de Deus. O corpo humano deve seguir uma longa disciplina antes de ser assumido pelo Verbo.

O segundo aspecto evidencia a propriedade congênita à natureza humana, não na força ou glória de sua divindade, mas na forma de servo que assume o Verbo glorioso em sua encarnação.

Em sua existência visível, o Logos passou por todas as etapas humanas de desenvolvimento. Assume, assim, o dinamismo próprio da fragilidade humana e o exercício de sua natureza. Tornou-se criança e terminou adulto na carne, glorificado com a claridade de Verbo na ressurreição e ascensão.

“Foi receber o batismo com a idade de trinta anos, e depois, tendo a idade perfeita de mestre, foi a Jerusalém, e justamente podia ouvir a todos chamá-lo mestre; ele não era diferente daquilo que parecia, como dizem os que o julgam aparente, mas o que era também o mostrava. Verdadeiro mestre com a idade de mestre, sem renegar nem ultrapassar a humanidade, não aboliu em si a lei do gênero humano e santificou todas as idades, por aquela semelhança que estava nele. Veio para salvar a todos mediante sua pessoa, todos, digo, os que por sua obra renascem em Deus, crianças, meninos, adolescentes, jovens e adultos. Eis porque passou por todas as idades, tornando-se criança com as crianças, santificando as crianças; com os adolescentes se fez adolescente, santificando os que tinham a mesma idade e tornando-se ao mesmo tempo o modelo de piedade, de justiça e de submissão. Jovem com os jovens, tornou-se seu modelo e os santificou para o Senhor; da mesma forma se tornou adulto entre os adultos, para ser em tudo o mestre perfeito, não somente quanto à exposição da verdade, mas também quanto à idade, santificando ao mesmo tempo os adultos e tornando-se também modelo para eles. E chegou até a morte para ser o primogênito entre os mortos e ter a primazia em tudo, o iniciador da vida, anterior a todos e precedendo a todos.”

O segundo aspecto igualmente indispensável para a “perfeição” do gênero humano está caracterizada na forma (divina) do Verbo, comunicada à carne de Jesus e por seu meio à humanidade.⁸

De maneira geral, o bispo de Lião distribui as etapas da Dispensação segundo as três pessoas divinas: O Antigo Testamento está sob a égide do Espírito Profético; no Novo Testamento temos o Espírito de Filiação ou Adoção; na eternidade atua o Espírito Paterno.

No entanto, em todas as fases da história o Espírito age sobre o plasma humano de acordo com o tempo em que este se vê inserido preparando-o para o acolhimento da ação divina. Assim, O Espírito Profético, durante o Antigo Testamento, o dispõe para receber o Filho. O Espírito de Filiação, mediante o Verbo encarnado, age em vista à visão do Pai. Tudo segundo um processo linear e contínuo.⁹

O Espírito Profético atua na carne dos justos, preparando-a para acolher a Encarnação do Filho. Anuncia, na carne dos justos, as virtudes futuras do Verbo de Deus, enquanto

⁷ ORBE, A. S.J., *Espiritualidad de San Ireneo*. Roma, Editrice Pontificia Università Gregoriana, 1989, p. 33.

⁸ ORBE, A. S.J., *Espiritualidad de San Ireneo*. Roma, Editrice Pontificia Università Gregoriana, 1989, p. 34.

⁹ DE LIÃO, Ireneu. *Contra as Heresias*, IV 20,5.

Verbo. É Ele que, ao longo do Antigo Testamento, anuncia com insistência os mistérios do Logos humanado.

A Encarnação do Verbo abre a fase do período Filial. O Verbo encarnado conduz o corpo modelado do ser humano em uma contínua e progressiva elevação física, mediante o dinamismo do Espírito. Ocorre assim uma constante habilitação do corpo para que apreenda em comunhão direta de vida com o Espírito de Deus e tenha acesso à glória do Pai. Toda a Dispensação visa unir o fim ao princípio, isto é, o homem a Deus.¹⁰

Contraria assim os gnósticos que afirmavam que os profetas só conheciam o Demiurgo pela comunhão de *psique* com ele. Os profetas não saberiam da existência do Deus Bom e, nem mesmo, conseguiriam vê-lo. Dessa forma Ireneu afirma a unicidade dos dois Testamentos e a existência de um Deus criador e modelador de toda a criação.

Ireneu visa principalmente o corpo humano, como lugar da ação salvífica de Deus. Todo o desenrolar da Economia Salvífica consiste em preparar o corpo para receber a incorruptibilidade através da participação na Vida de Deus.¹¹

A história humana está submetida a um processo de constante crescimento. A carne humana vai sendo disciplinada pelo Espírito Profético, sendo, desta maneira, disposta progressivamente para receber o Logos, em comunhão pessoal. Esta Economia linear de progresso contínuo, desde Adão até a consumação, responde aos planos do Criador. Mesmo após o delito do homem, Deus não retirou sua benção.

Durante este tempo o homem vai crescendo no desenvolvimento da sua vocação primordial: ser imagem e semelhança de Deus. Modelado no princípio pelas mãos do Pai, isto é, o Filho e o Espírito, o ser humano deve corresponder assumindo sua condição de criatura e acolhendo a ação de Deus em seu corpo.¹²

As três pessoas da Trindade agem na modelação da carne humana, sempre de acordo com a característica peculiar de cada pessoa trinitária. Assim, operam segundo a fase histórica.¹³ A cada nascimento humano a evolução vai tornando-se latente pois os que nascem, através da atuação do Espírito, alcançam uma perfeição divina superior aos que o precederam. Uma criança de poucos dias tem em seu corpo uma larga disciplina natural, ainda que, pessoalmente não possa ser disciplinada conscientemente por Deus.¹⁴ Este fenômeno é aplicável a todas as etapas da história humana.

Portanto, a natureza humana se manifesta na pessoa concreta seguindo uma trajetória linear até Cristo. Porém, a perfeição humana dependerá do estado histórico de sua natureza. Mas precisamente dos anos que o Espírito de Deus esteve agindo sobre a carne humana. O fator decisivo para a maturidade humana dependerá sempre do influxo do Espírito sobre a natureza. Tal influxo não depende da resposta pessoal. Evidentemente a resposta pessoal influirá de alguma maneira na vida do cristão, mas é o agir de Deus na modelação histórica que determinará a maior ou menor perfeição divina. Como afirma A. Orbe: *“uma criança que tenha falecido logo que nascida terá na “primeira ressurreição” uma Salvação perfeita, pela perfeição a que chegou sua natureza.”*¹⁵

Na visão antropológica de Ireneu o plasma é que se vale da alma como de um instrumento para os atos humanos. É no corpo que ocorre a ação do Espírito, mesmo após a morte. A morte não é capaz de interromper a ação divina sobre o corpo, que dorme na espera da eternidade divina. O homem deixaria de viver para ele e passaria a viver apenas para Deus.

¹⁰ DE LIÃO, Ireneu. *Contra as Heresias*, IV 20,4.

¹¹ *Ibidem*. IV 38,3.

¹² *Ibidem*. V 28,4.

¹³ ORBE, A. S.J., *Espiritualidad de San Ireneo*. Roma, Editrice Pontificia Università Gregoriana, 1989, p 38.

¹⁴ ORBE, A. S.J., *Espiritualidad de San Ireneo*. Roma, Editrice Pontificia Università Gregoriana, 1989, p. 38.

¹⁵ ORBE, A. S.J., *Espiritualidad de San Ireneo*. Roma, Editrice Pontificia Università Gregoriana, 1989, p. 41

É colocado à mercê do Espírito e sem possíveis impedimentos. A ação do Espírito seria dispor o corpo humano para a primeira ressurreição.

Com a consumação o corpo humano participará da eternidade de Deus, sem, contudo, esgotar o processo de deificação. Deus possui infinitos bens que quer comunicar ao ser humano, por isso, mesmo na eternidade o humano continuará discípulo do Criador.¹⁶

Até o dia eterno o gênero humano está inserido num processo irremediável de divinização de sua natureza. Deus, através de suas mãos, plasma na história a perfeição à qual é chamado o corpo humano. É Deus quem faz, cabe ao homem deixar-se fazer. A natureza humana progredirá continuamente em Deus. Em contínua conquista.¹⁷ Mesmo conhecendo na carne o amadurecimento desenvolvido ao longo da história, o gênero humano mergulhará em um novo processo quando adentrar na incorruptibilidade de Deus.¹⁸

Levantado às alturas do Eterno, o corpo humano não progredirá mais de acordo com as leis da matéria. Será invadido pelo Espírito, ascendendo de uma perfeição à outra e assimilando gradualmente os tesouros do Pai. Para Ireneu, a salvação da carne consiste na visão do Pai, comum a todos os justos.

Deus Faz, o homem é feito

Um “plasma” repentinamente divinizado, sem conhecer o estado racional e livre, haveria passado abruptamente da sarx ao Pneuma, de homem terreno a Deus. O homem não haveria atuado como tal. Nem sequer teria sido oferecida ocasião de obedecer. Situado rapidamente no regime do divino, ignoraria as próprias fronteiras criaturais e a confundiria com as do Criador. Correria o perigo de atribuir à “substância” terrena as propriedades do Pneuma. Era conveniente fazer valer as duas vertentes, divina e humana. Dar lugar ao desenrolar progressivo que vai do ínfimo terreno até o sumo divino.

Para os Valentinianos, o “plasma” não é “deificável”. Estaria preso às leis da matéria, mortal e corruptível. Com o passar do tempo adquiriria maturidade, porém estava inclinada, invariavelmente, à corrupção e morte seguindo a lei natural de sua substância. Segundo eles, nada mortal pode ser revestido de imortalidade, nem a corrupção feita incorruptibilidade e o “não deificável” não interessaria a Deus.

Mesmo a psiqué, para os Valentinianos, não seria rigorosamente “divinificável”. A lei natural a proibiria. Também ela teria suas leis e poderia, até mesmo, progredir em comunhão com o “plasma”. Disciplinar-se no nível moral, em regime de submissão a Deus, sendo levantada sobre o próprio nível, até fazer-se partícipe de uma “salvação animal”, entre “espiritual” e “psíquica”, sem, no entanto, chegar à “Salvação do espírito”.

Só é gnósticamente deificável o homem espiritual ou “pneumático”. E mesmo o interessado atravessaria um regime de absoluta inconsciência até alcançar o seu destino. O “pneumático” só tomaria consciência de sua filiação divina no momento da Gnose. Iluminado subitamente, ainda que ocultamente preparado pelo Pneuma, inicia sua nova vida, a mercê de Deus, sem nenhuma liberdade. Inconsciente de si convivia com o “psíquico”, porém com a Gnose é elevado a um regime necessário, impulsionado em seus novos atos pela substância mesma do Espírito de Deus.

Por qualquer parte que se deixava ver o “espiritual” valentiniano, em seus três componentes – hílico, psíquico e pneumático- não conhecia nenhum processo de deificação. O Deus Bom-Transcendente podia e devia abster-se a qualquer trabalho de “modelação” e disciplina ética. A tarefa do Deus do Antigo Testamento, por não afetar ao espírito, tão pouco estaria em condições de deificar o que modelava.

¹⁶ DE LIÃO, Ireneu. *Contra as Heresias*, V 36,1.

¹⁷ *Ibidem*. IV 11,2.

¹⁸ *Ibidem*. IV 20,7.

Só era considerada como rigorosamente divinizadora a tarefa exercida pela Sofia, Mãe e origem dos “espirituais” espalhados pelo mundo. A Sofia, além de colocá-los no cosmos, preparava-os pouco a pouco, dispendo-os para quando o Salvador os “ilumina-se”. Sua tarefa, muito real e positiva, escapava à consciência dos interessados. Estes nada sabiam nem experimentavam o que a Sofia realizava em seu interior. Portanto, não respondiam conscientemente a ela.

Por outro lado, o Salvador, origem do “Pneuma” masculino e autor – por sua efusão – da Gnose dos “pneumáticos”, em virtude do Batismo do Espírito Santo sobre o “pneuma” feminino, passa a ser “consumador” da deificação iniciada pela ação da Sofia. Este momento acontece devido a comunhão de “Espírito” com o Filho e com o Pai na qual o gnóstico achase inserido.

Ao processo inconsciente de divinização dos “espirituais” pela Sofia está agregada sua perfeita e consciente deificação pelo Salvador. O que prepara a Sofia o aperfeiçoa o Salvador. A Sofia trabalha sobre o “pneuma feminino”, o Salvador o faz “masculino” sendo, por isso, assimilado à comunhão de vida com Deus. Ambas as ações são deificantes e complementares, respondendo às características pessoais do Espírito Santo pessoal e feminino e do Salvador masculino. Ambas operam sobre a mesma substância derivada de Deus, porém diferem em virtude e qualidade. A Sofia faz como mãe, o Salvador como “pai”. Ao humano cabe se deixar fazer, sem possibilidade de opor-se à dupla ação deificante.

Ireneu discorre sobre a tricotomia paulina (1 Tes 5,23) - corpo, alma e espírito - que não são humanidades diversas – como querem os valentinianos – mas três componentes de um só homem. Para ele, o processo de divinização não afeta da mesma maneira aos três componentes:¹⁹

- a. Não pode afetar ao “espírito”: que no homem é o que deifica, não o deificado. O Salvador poderá infundir seu “espírito” no indivíduo em maior ou menor grado, mas não poderá “deificar” (= espiritualizar) seu “espírito”, mas somente a psiqué e, sobretudo, o “plasma” do indivíduo.
- b. Afeta à psiqué, movendo-a a atos racionais – como emanados dela – e espirituais – como inspirados pelo Espírito -, tais atos revestem uma dignidade divina, por derivarem do Espírito Santo. O processo deificante consiste na docilidade contínua da alma, racional e livre, à ação do Espírito Santo. Assim, progressivamente vai sendo deificado segundo cresce a docilidade da psiqué ao Espírito de Deus.
- c. Interessa, sobretudo, ao corpo. A economia da deificação humana gira em torno do “plasma” verdadeiro. Deus destina o corpo às alturas do Espírito Santo, porque só plasmou o corpo e não a alma, à sua imagem e semelhança. Portanto, deifica a psiqué enquanto serve a seu primeiro intento, de fazer divino o “plasma” ou o corpo do homem. A deificação consiste no curso que seguirá o corpo humano nas Mãos de Deus, para assimilar a imagem e semelhança divina. Este processo vai do plasma primeiríssimo terreno até o plasma mergulhado no Espírito.

Para os valentinianos, o homem chamado per si a Deus é o filho natural de Deus. Por enaltecer a dignidade do homem, destinado à semelhança perfeita com Ele, reduz a distância entre o homem e Deus, do “pneuma” feminino ao “pneuma” masculino.

Para Ireneu, quanto mais distante os extremos – a fragilidade do homem e o Espírito de Deus – as substâncias chamadas a se unirem mais resplandecerão o poder e o amor divino. Uma coisa é deificar o “pneuma” feminino, levantando-lhe as alturas do Espírito masculino. Mas deificar, para Ireneu, é erigir a substância ínfima às alturas do Espírito, substância

¹⁹ ORBE, A. S.J., *Espiritualidad de San Ireneo*. Roma, Editrice Pontificia Università Gregoriana, 1989, p. 92.

suprema. O Demiurgo ireneano une duas substâncias sem nenhuma afinidade. As duas mais distantes e diversas em essência, dinamismo e ato. Tal comunhão reclama tempo.

Colocar no “plasma” o extremo humano é determiná-lo como o protagonista de toda a Economia Salvífica. Nesse sentido, o trabalho a ser realizado por Deus é fazê-lo chegar ao homem-Deus, a “sarx-pneuma”. Trabalho lento, iniciado com a ação do Espírito de Deus sobre a substância terrena. O corpo humano é absorvido pelo Espírito imortal do Filho. Pouco a pouco o Espírito incorruptível do Filho penetra o corruptível do humano até que este seja revestido por Suas qualidades divinas.

Esta assimilação gradual e lenta da carne pelo Espírito nos aponta alguns aspectos ressaltados por Ireneu. O primeiro indica a substituição progressiva das qualidades congênicas ao plasma (mortalidade e corrupção) pelas do Espírito (imortalidade e incorruptibilidade); um segundo aspecto seria a modelação, também progressiva, do humano à imagem e semelhança de Deus; o terceiro aspecto seria o conhecimento, por experiência, do bem e do mal, à maneira do Criador.²⁰

A maturação da divinização humana ocorre mediante toda a Dispensação histórica desenvolvida na Economia Salvífica. O ser humano, inserido nesta história, está, constantemente, sendo “plasmado” pela ação divina. A carne humana é modelada progressivamente submetida à ação do Espírito do Filho. Portanto, nenhuma criatura se faz Deus subitamente, como pretendiam os valentinianos através da Gnose.

Segundo Ireneu, há indivíduos que não se resignam a serem humanos. Não confiam seus destinos aos planos do Criador e, por isso, não se contentam a começar por serem homens. Querem, desde o princípio, o status de filhos naturais de Deus, alcançando subitamente a perfeição própria do Criador.

*“Portanto, não estão com a razão os que não esperam o tempo do crescimento e culpam a Deus pela fraqueza de sua natureza. Ignorando a Deus e a si mesmos, estes insaciáveis e mal agradecidos, recusam ser, primeiramente, o que foram feitos, homens sujeitos às paixões; ultrapassando as leis da natureza humana, antes mesmo de serem homens querem ser semelhantes a Deus seu criador e que desapareça toda diferença entre o Deus incriado e eles criados há pouco.”*²¹

Ireneu afirma que cabe ao Criador “fazer ao homem sua imagem e semelhança”. Ao gênero humano toca “ser feito a imagem e semelhança de Deus”. Para isso deve o homem abrir-se docilmente à ação divina. O bispo de Lião caminha sobre uma idéia de sentido comum: primeiro é o barro, logo o plasma humano e por fim o homem-Deus. É absurdo, para Ireneu, que o plasma queira repentinamente ser “deus”, sem comporta-se primeiro como homem, correspondendo, dessa maneira, ao Criador. “Ser feito” plasma, apenas com a mudança do barro ao “corpo” é pouco. Interessa que, consciente de vir de Deus, o ser humano se comporte como criatura dócil e flexível nas mãos do artífice. É o que o homem fará se souber ser livre e justo diante de Deus.²² O plasma humano deve servir-se da psiqué, como de um instrumento, para saber ser diante de Deus aquilo que deve ser. O homem deve deixar-se fazer. Assim como do barro foi feito corpo plasmado; de corpo plasmado entregue às Mãos de Deus e destinado a ser “deus”. Fazer-se, em suma, primeiro homem e logo “deus”, sujeitando-se docilmente ao Criador.²³

Não é a alma “per si” que se faz primeiramente homem e logo “deus”, mas o corpo, que se serve da alma, para aprender a ser humano por primeiro para, mais tarde, ser divinizada. Mesmo antes de receber o sopro da vida, o protoplasto já é humano, mesmo estando destinado a deificação, porém esta capacidade deverá ser desenvolvida através do uso

²⁰ ORBE, A. S.J., Espiritualidad de San Ireneo. Roma, Editrice Pontificia Università Gregoriana, 1989, p. 94.

²¹ DE LIÃO, Ireneu. Contra as Heresias, IV 38,4.

²² DE LIÃO, Ireneu. Contra as Heresias, IV 39,2.

²³ ORBE, A. S.J., Espiritualidad de San Ireneo. Roma, Editrice Pontificia Università Gregoriana, 1989, p. 95.

da razão livre na correspondência ao Criador. Este protoplasto deve primeiramente tornar-se humano para, só assim, ser feito “deus”. Não pode saltar de “plasma” a “deus” sem fazer-se humano.

Fazer-se homem equivale a conscientizar-se de sua debilidade e, a partir daí, iniciar sua caminhada para a salvação que culminará na deificação humana mediante a participação na Vida de Deus. Ou seja, só se é verdadeiramente humano quando, em resposta a Deus, a argila plasmada é livremente impulsionada no dinamismo do regime de docilidade ao Criador.

*“Contudo, Deus, na simplicidade da sua bondade, foi isso mesmo que fez, para que ninguém o julgasse invejoso ou avarento. De fato ele diz: “Eu disse: vós sois deuses e todos sois filhos do Altíssimo”, e para nós que somos incapazes de suportar o poder da divindade, acrescenta: “Mas vós, como homens morrereis”, (Sl 88, 6.7) indicando ao mesmo tempo a generosidade do seu dom, a nossa fraqueza e a nossa liberdade.”*²⁴

Dentro do argumento ireneano surge o questionamento sobre a passividade que é indicada na proposta do autor. Dentro da Economia salvífica, em tudo o que a afeta positivamente, o ser humano é um sujeito passivo, ou seja, a ele cabe ser modelado por Deus; em relação a Deus pode-se afirmar que só ele é o agente “deificador”. Na vertente divina da modelação humana, a iniciativa e o exercício é sempre das Mãos de Deus, o homem deve acolher correspondendo ao “ser feito”.²⁵

“Este é o motivo pelo qual o próprio Senhor deu o Emanuel, nascido da Virgem, como sinal da nossa salvação, porque era o próprio Senhor que salvava os que não se podiam salvar sozinhos. É neste sentido que Paulo afirma a fraqueza do homem: “Sei que na minha carne não habita o bem”, indicando que o bem da nossa salvação não vem de nós, e sim de Deus. Ele diz ainda: “que homem miserável eu sou! Quem me libertará deste corpo de morte?” E apresenta em seguida o Libertador: a graça de Jesus Cristo, nosso Senhor (Rm 7,18.24-25).

*A mesma coisa disse Isaías: “Confortai as mãos frouxas e robustecei os joelhos débeis. Coragem, pusilânimes; tomai ânimo e não temais; eis que o nosso Deus trará a vingança e as represálias. Deus mesmo virá e vos salvará (Is 35,3-4). Isto para indicar que seremos salvos pela ajuda de Deus e não por nós mesmos”.*²⁶

Desta maneira Ireneu buscava demonstrar que tanto o apóstolo dos gentios quanto os profetas respondiam à ação de Deus neles.

Ao axioma: “Deus faz, o Homem é feito”²⁷ lhe substitui outro: O Senhor salva, o homem é salvo.²⁸ A ação de fazer ou salvar desenvolvida na Dispensação salvífica não está restrita ao Pai, mas também é realizada por Jesus. A salvação chega até nós não só pelo humano, nem só por Deus, mas através do Filho de Deus feito homem.²⁹

A Economia salvífica, mesmo que seja totalmente procedente da benevolência divina, está caracterizada por ter em seu centro a salvação humana através de sua deificação. Entretanto, isto não acontece mediante o exercício direto e imediato de Deus – puro espírito - sobre a sarx humana, mas através da mediação salvífica do Verbo Humanado. Para isso, a condição humana é assumida na eficácia deífica do Verbo. Portanto, a salvação consiste em seguir ao Verbo Humanado deixando-se iluminar por sua luz.³⁰

O axioma “Deus faz o homem é feito” adquire, dessa maneira, uma dupla dimensão. No que se refere puramente à ação divina realizada pelo Verbo e pelo Espírito e também no que refere ao homem assumido pelo Verbo. Referido a Deus, tem singular relevo a ação

²⁴ DE LIÃO, Ireneu. *Contra as Heresias*, IV 38,4.

²⁵ ORBE, A. S.J., *Espiritualidad de San Ireneo*. Roma, Editrice Pontificia Università Gregoriana, 1989, p. 104.

²⁶ DE LIÃO, Ireneu. *Contra as Heresias*, III 20,3.

²⁷ *Ibidem*. IV 11,2.

²⁸ ORBE, A. S.J., *Espiritualidad de San Ireneo*. Roma, Editrice Pontificia Università Gregoriana, 1989, p. 104.

²⁹ DE LIÃO, Ireneu. *Contra as Heresias*, III 20,4.

³⁰ *Ibidem*. IV 14,1.

criadora no mundo e – de modo especial – na primeira fase da modelação humana ao largo do Antigo Testamento. Aplicado ao Homem-Deus, destaca-se na humana Teleiôsis, ao longo do Novo Testamento e na consumação.³¹

Antes de prosseguirmos devemos ressaltar um segundo ponto do mesmo axioma:

*“Aquele que faz é sempre o mesmo e quem é feito tem necessariamente início, meio, aumento e desenvolvimento. Deus faz o bem, o homem recebe o bem. Deus é perfeito em tudo, igual e idêntico a si mesmo, é por inteiro luz, pensamento, substância e fonte de todos os bens, enquanto o homem recebe o progredir e o crescer para Deus. Enquanto Deus é sempre o mesmo, o homem que se encontra em Deus progredirá sempre em direção a Deus.”*³²

“Aquele que faz é sempre o mesmo e quem é feito tem necessariamente início, meio, aumento e desenvolvimento” a cláusula se presta a dois sentidos: “o que faz”, enquanto faz é sempre o mesmo. Devido ao seu exercício não muda, não conhece princípio, nem meio, nem aumento, nem desenvolvimento. Ainda que continue fazendo, segue sem mudança. Para Ireneu, quem faz é o Deus Bom. Ele não muda porque faz, mas por ser Deus.³³

Os gnósticos poderiam entender esta afirmação apenas no primeiro sentido. O plasmador, enquanto tal, é sempre o mesmo. Porém, atua por necessidade e cegamente. Todavia, Ireneu aponta uma ação livre e perfeita por parte de Deus. Mesmo agindo na criação, Deus permanece o mesmo. O ser humano, por ser criatura, tem início em seu ser,³⁴ ganha e progride crescendo em conhecimento e experiência das coisas.³⁵

Deus, perfeito em tudo, é simplicíssimo. Não ganha em seu exercício sobre o homem. Beneficia ao homem, sem ser por ele beneficiado. O homem, por sua vez, destituído das perfeições divinas, está em constante mudança. Recebe do Criador os bens e o progresso de acordo com a Economia salvífica. Entretanto, tal mutabilidade resulta, no caso do ser humano, benéfica. Graças a ela, o humano mutável recebe de Deus a imutabilidade própria do divino, podendo chegar à sua altura, adiantando-se em contínuas etapas: primeiro sob o influxo do Espírito de Profecia, logo, sob a ação do Espírito Adotivo até, na consumação, “sofrer” a invasão do Espírito Paterno, assemelhando-se ao corpo glorioso do Filho.

Homem é feito

Na segunda parte do axioma: “O homem é feito” vem à mente o relato do Gênesis 2,7: a passividade da argila, do barro nas mãos de Deus. Também faz memória a paixão de Jesus. A modelação de Adão, de nossa terra visível, despertaria a esperança na figura de Jesus. O passivo de uma terra evocaria a paixão de outra.³⁶

Ireneu aponta a índole virginal da terra que deu origem ao protoplasto. *“Como pela desobediência de um só homem o pecado entrou no mundo e pelo pecado a morte, assim pela obediência de um só homem foi introduzida a justiça que traz como fruto a vida ao homem morto. E como substância de Adão, o primeiro homem plasmado, foi tirada da terra simples e ainda virgem – “Deus ainda não fizera chover e o homem ainda não a trabalhara” – e foi modelado pela mão de Deus, isto é, pelo Verbo de Deus – com efeito, “todas as coisas foram feitas por ele”, e o “Senhor tomou do lodo da terra e modelou o homem.”*³⁷ A terra de origem, ao ser modelada pelo Verbo de Deus, não perdeu sua pureza diante de Deus, nem sua virgindade ante o homem. Daí vem ao ser o protoplasto da substância terrena, pura e virginal.

³¹ ORBE, A. S.J., Espiritualidad de San Ireneo. Roma, Editrice Pontificia Università Gregoriana, 1989, p. 106.

³² DE LIÃO, Ireneu. Contra as Heresias. IV 11,2.

³³ ORBE, A. S.J., Espiritualidad de San Ireneo. Roma, Editrice Pontificia Università Gregoriana, 1989, p. 107.

³⁴ DE LIÃO, Ireneu. Contra as Heresias. II 25,3.

³⁵ ORBE, A. S.J., Espiritualidad de San Ireneo. Roma, Editrice Pontificia Università Gregoriana, 1989, p. 107.

³⁶ Ibidem. p. 108.

³⁷ DE LIÃO, Ireneu. Contra as Heresias. III 21,20.

A vontade e sabedoria de Deus lhe concedeu o primeiro ser. O Verbo e o Pneuma lhe outorgaram o segundo, sem contaminá-la.³⁸

No sentido contrário caminham os gnósticos. Para estes, a matéria é fruto de uma terra irracional, fluida e inconsistente, consubstancial com a psique dos brutos e modelada por arcontes. Por isso indigna de ser elevada às alturas de Deus.³⁹

É na abissal distância entre o corpo humano modelado do barro e a Transcendência que, segundo Ireneu, se dá a ação divina. Ao longo da história humana, é na modelação do homem que se dirige toda a Economia salvífica. Não como mera ocupação entre outras, mas como intenção central. “*As obras de Deus são a modelagem do homem*”.⁴⁰ O homem é plasma livre e consciente do destino para o qual Deus o chama.

Já que é “Obra de Deus”, mais ainda, obra consciente na história, mas, por sua parte, incapaz de iniciativa salvífica, cabe ao homem deixar-se fazer. Aguardar a mão, ou Mãos de Deus, e deixar-se livremente trabalhar pelo divino artífice. Deve o plasma humano acolher docilmente em sua carne a tarefa do Espírito. Acertará o ser plasmado em se colocar sem impedimentos a seu Criador. Por isso, não deve o homem adiantar-se por conta própria. Através do Verbo, será modelado conforme sua condição terrena. Não deve, portanto, querer dar lições ao seu Criador, como, segundo Ireneu, desejavam os gnósticos. Deus fará tudo a seu tempo, sem pressa. Ele deificará o plasma humano a partir do momento que este se coloque, docilmente, em tempo de espera.

*“Como poderia ser Deus aquele que ainda não foi feito homem? Como poderá ser perfeito quem acaba de ser feito? Como poderia ser imortal quem na natureza mortal não obedeceu ao Criador? É necessário que antes sigas a ordem humana para em seguida participar da glória de Deus. Com efeito, não és tu que fazes Deus, mas é Deus quem faz a ti. Se, portanto, és obra de Deus espera pacientemente a mão do teu artífice que faz todas as coisas em tempo oportuno, de maneira adaptada a ti que és feito. Apresenta-lhe coração dócil e flexível, guarda a forma que o artífice te deu e a humildade que está em ti para que não endureças e percas o modo que os seus dedos te dão. Conservando a forma te avizinharás da perfeição e, pela arte de Deus, ficará oculta a argila que está em ti. A sua mão criou a sua substância; ela te banhará de ouro puro e de prata, por fora e por dentro e te embelezará, tanto que o próprio Rei será cativado pela tua formosura. Mas se, logo endurecido, recusas a sua arte e te mostras descontente por ter sido feito homem, pela tua ingratidão a Deus, perdes ao mesmo tempo a sua arte e vida. Fazer é próprio da bondade de Deus, ser feito é próprio da natureza do homem. Se, portanto, lhe entregará o que é teu, isto é, a fé nele e a submissão, receberás o benefício da sua arte e serás a obra perfeita de Deus.”*⁴¹

O artífice é Deus Pai. Sua mão, no singular, o Verbo. Porém, convém ressaltar, que o Verbo não é citado como simples demiurgo, mas como origem também do Espírito santificante.⁴²

O homem deve manter-se “manejável”. Assim, quando passa de barro a plasma, no protoplasto, e, também agora, como organismo já formado, é modelado pelo Criador a sua imagem e semelhança numa contínua e progressiva caminhada rumo à deificação.

Ireneu também se inspira em Provérbios 23, 26: “*Meu filho, dá-me o teu coração e que teus olhos gostem dos meus caminhos*”. O autor sagrado recomenda a docilidade do ser humano ao trabalho de Deus. “Dá-me o teu coração”, ou seja, põe nas mãos de Deus não um coração duro, sim um brando, manso e dócil. Ressalta a maneira de Deus aproximar-se do ser

³⁸ ORBE, A. S.J., *Espiritualidad de San Ireneo*. Roma, Editrice Pontificia Università Gregoriana, 1989, p. 109.

³⁹ DE LIÃO, Ireneu. *Contra as Heresias*, V 15,4.

⁴⁰ *Ibidem*. V 15,2.

⁴¹ *Ibidem*. IV 39,2.

⁴² ORBE, A. S.J., *Espiritualidad de San Ireneo*. Roma, Editrice Pontificia Università Gregoriana, 1989, p. 110.

humano respeitando sua liberdade. Cabe ao plasma humano deixar-se livremente modelar pelas Mãos de Deus.

Ao humano já plasmado é pedida uma livre resposta aos designios do Criador. Começada a modelação, com a ação de Deus, há de progredir e coroar-se com o acolhimento do homem. A este plasma humano é pedido que se mantenha aberto à ação do Criador, sem colocar resistências ao trabalho dos dedos divinos, para que dessa maneira possa ser fecundado pelo Espírito Santo.

*“As palavras que diz: “Quantas vezes quis reunir os teus filhos e não quiseste”, ilustram bem a antiga lei da liberdade do homem, porque Deus o fez livre desde o início, com a sua vontade e a sua alma para consentir aos desejos de Deus sem ser coagido por ele. Deus não faz violência, e o bom conselho o assiste sempre, e por isso dá o bom conselho o assiste sempre, e por isso dá o bom conselho a todos, mas também dá ao homem o poder de escolha”*⁴³

Ireneu concebe o gênero humano como uma estátua vivente, de substância terrena, modelada com a forma (e propriedades sensíveis) de Deus. Uma estátua, que segundo é trabalhada pelo divino artífice, descobre cada vez mais sua natureza de origem assimilando, assim, a vida e propriedade do Espírito de Deus até que, por fim, é feito plasma de semelhança perfeita com Deus sendo levantado á altura do Criador.⁴⁴ O que para os valentinianos era exclusividade do homem “pneumático”, para Ireneu é propriedade de todo ser humano plasmado do barro desta terra.

Dentro da Dispensação iniciada por Deus Ireneu faz algumas distinções entre o “Espírito vivificante” ou Espírito de adoção, próprio do Novo Testamento, ao “sopro de vida”, infundido em Adão. Este, o “sopro de vida”, adentra ao plasma governando-o por algum tempo então o abandona, diferentemente do Espírito de adoção que envolve o ser humano por dentro e por fora, persevera e não o abandona. Durante o Novo Testamento temos o Espírito de Deus infundido em plenitude no gênero humano, modelando-o, mediante a ação do Espírito de Deus, e lhe concedendo Sua mesma incorruptibilidade e Vida.⁴⁵

Não existe, segundo o bispo de Lião, substância mais corruptível que o barro da terra do qual foi modelado o ser humano. Entretanto, Deus a destinou, plasmada no humano, à vida incorruptível e eterna do Espírito. Começou animando-a com o “sopro de vida”, insuficiente em si para salvá-lo da morte, porém bastante para ser disposta, ao longo do Antigo Testamento, ao “Espírito vivificante”. O pouco que o homem se deixará possuir pelo Pneuma oculto no “sopro de vida” crescerá em semelhança com o Espírito de Deus, não por transformação substancial do barro em Deus, mas através de um revestimento gradual qualitativo do barro (com propriedades terrenas) em Deus (com propriedades do Espírito). O corpo humano, possuído por dentro e por fora pelo Espírito de Deus, resplandecerá como Deus

Dessa maneira o homem será revestido por uma unção dupla – interna e externa – mediante a ação do Espírito. A beleza exterior pela glória de Deus sensivelmente comunicada ao corpo. Da mesma forma será coberto no interior pela glória ocultamente possuída.⁴⁶ Tanta será a formosura concedida ao gênero humano que o próprio Cristo se deleitará nela.⁴⁷

No entanto, os gnósticos afirmavam a existência de um deus secundário, o demiurgo, e o único e verdadeiro Deus Bom. O Deus Bom assemelha-se ao Deus de Epicuro⁴⁸: Transcendente, inacessível, de acordo com Ireneu um deus sem providência que morava em

⁴³ DE LIÃO, Ireneu. Contra as Heresias, IV 37,1.

⁴⁴ ORBE, A. S.J., Espiritualidad de San Ireneo. Roma, Editrice Pontificia Università Gregoriana, 1989, p. 113.

⁴⁵ Ibidem. p 115.

⁴⁶ Ibidem. p 116.

⁴⁷ DE LIÃO, Ireneu. Contra as Heresias, IV 39,2.

⁴⁸ Ibidem. III 24,2.

uma região altíssima e “*havia estado infinitos séculos em grande sossego e solidão.*”⁴⁹ Para dar começo à Economia, deixou por um instante sua quietude, porém, em seguida voltou a ela. Em resumo, o Deus Bom dos gnósticos, uma vez que concebeu o Unigênito e inaugurou a Economia e, após entregar tudo ao Unigênito (Verbo e Salvador) voltou, como o Deus de Epicuro, a seu silêncio e quietude eterna. Portanto, não há sentido algum em atribuir-lhe fabricação do mundo ou a modelação humana. No caminho inverso a esse está o demiurgo cuja característica é fazer. Não só faz, mas necessita fazer estando preso a um processo de contínua criação.

Entretanto, o demiurgo trabalhava sem sabê-lo sob o impulso da sabedoria do Salvador, que também chamam de Acamot.⁵⁰ Atuava cegamente modelando por modelar. Movido por um “fazer” necessário, maquinal, guiado por outro. Não tinha consciência de servir a desígnios superiores. Os gnósticos não dissimulavam sua depreciação pelo “fazer” assim entendido. O Deus bom não faz, enquanto o demiurgo faz obrigado por outro.

Porém, de acordo com Ireneu, o fazer é próprio do Deus Criador. Mas não um fazer fruto de uma vontade aprisionada e dirigida, mas sim conseqüência de uma vontade livre e soberana impulsionada pela bondade divina. O demiurgo não é um Deus secundário, mas o próprio Deus Bom que manifesta na criação do mundo, singularmente na modelação humana, sua bondade.

Não há distinção entre o Deus bom, ocioso, inativo e escondido em suas alturas e o demiurgo, natural e necessariamente ativo. Aliás, onde os gnósticos descobrem um ato necessário e cego, Ireneu vê o exercício generoso e livre da divina criação; o trabalho que o Pai toma por amor ao humano, com a ajuda do Filho e do Espírito, para modelar o barro ao longo da Economia Salvífica, a sua própria Imagem e Semelhança.

Não existe, portanto, opiniões que possam converter a modelação humana em argumento contra o Deus Criador. O mesmo pode ser dito acerca da criação do mundo. Deus, ao modelar o homem, não é contaminado pelo barro que maneja.

Os gnósticos denunciam, de acordo com o seu ponto de vista, graves prejuízos contra a plasis. Reduzem-na a uma tarefa natural que alcança o meramente corpóreo. Ireneu, ao contrário, indica um sentido mais amplo e nobre: A modelação que inicialmente culmina no corpóreo, progride para um fim deificante. Temos, assim, a formação de um “plasma” divino, ou seja, uma carne divinizada. A substância continua sendo terrena, mas com propriedades divinas; de natureza ínfima como o pó da terra e de qualidade suma como o Espírito de Deus.

Quanto mais divina a atividade do plasmador, mas passiva a atitude do humano. Na atual economia, toca ao homem deixar-se fazer por duplo título: a) como simples criatura, sustentado por natural conservação por Deus; b) como criatura chamada à comunhão de vida com o Criador.⁵¹

Deixar-se fazer é se colocar nas mãos do Criador oferecendo a Ele o que dEle tem o gênero humano recebido. Entregar-se em corpo e alma. Desta maneira a “plasis” humana receberá em si a arte de Deus e será sua obra perfeita. Na obra de Ireneu não há nenhuma menção sobre as potências ou substâncias da alma. Tão pouco discorre sobre as noites escuras do sentido. Não lhe ocorre desenvolver a ação de Deus sobre o homem pelo caminho da purificação das potências da alma, ou dos sentidos do corpo. Ireneu simplifica. A resposta do plasma há de ser tão simples como cabe esperar de criatura tão humilde. Ao homem é pedida a oferta do que é, pelo caminho simplicíssimo da fé e docilidade, onde Deus fará o resto.

“Deixar-se fazer” ou deixar-se modelar à imagem e semelhança de Deus não é pura paixão. Dotado de racionalidade, o ser humano é livre e capaz de assentimento. Porém, basta que se coloque diante de seu Deus e permita-se modelar, não pelo Deus Bom, inexistente,

⁴⁹ Cf. Ib. I 1,1.

⁵⁰ Cf. Ib. I 5,3.

⁵¹ ORBE, A. S.J., *Espiritualidad de San Ireneo*. Roma, Editrice Pontificia Università Gregoriana, 1989, p. 120.

superior ao demiurgo, mas pelo Criador que está em contínua atividade de modelação, mediante a ação de suas Mãos.

A docilidade do homem à ação criadora de Deus consiste em uma vida contínua de fé e obediência ao Criador, correspondendo ao seu amor. A antítese fazer/ser feito transforma a relação entre o divino e o humano. A acusação gnóstica que culpabilizava o demiurgo pela finitude e caducidade que caracterizava todas as ações humanas, por estarem aprisionadas à matéria, e que, com isso, buscavam explicar o mal no mundo, não tem sentido se a finitude experimentada for um momento necessário da experiência do descobrir-se humano. Entretanto, segundo Ireneu, o “não fazer-se” do humano não seria culpa do Criador, mas do próprio ser humano que não correspondia à sedução de Deus.

“Se, porém, lhe resistes e te esquivas da sua mão deverás procurar em ti que não obedeceste a causa da tua imperfeição e não naquele que te chamou. Porque ele enviou a seus servos para convidar à festa de casamento e os que não escutaram privaram-se a si mesmo do banquete do reino.

Não é arte de Deus que falta, porque ele pode suscitar de pedras filhos a Abraão, mas quem não a aceita é a causa da sua imperfeição. Não é luz que falta para os que se cegaram, mas enquanto ela fica sempre igual, estes cegos, por sua culpa, se encontram nas trevas. Ninguém está necessariamente submetido à luz, nem Deus obriga os que não querem conservar a sua arte. Os que se separaram da luz do Pai e transgrediram a lei da liberdade, por sua culpa se afastaram, porque foram criados livres e donos de seus atos”⁵².

O pensamento é claro, sobretudo em sua aplicação aos gnósticos. Empenhados em depreciar a modelação humana, atentos à matéria e não à arte de Deus, fazem valer a lei natural como se o Criador estivesse subordinado a ela. Esquecem do amor do Plasmador divino que, antes de submeter-se às leis da matéria, supera-a levantando-a as alturas de Deus. Não é o Autor divino que se submete às leis da matéria, mas a matéria que se submete ao Autor divino. Ireneu responde, dessa maneira, aos gnósticos que ignoravam o Criador e culpavam-no por suas imperfeições. Longe de obterem no corpo a perfeição divina do Espírito, insistiam em sua natural imperfeição. Não por culpa do Plasmador, mas por sua própria rebeldia. Persistem em opor o Criador ao Deus Bom, alegando que a criação e a modelação não são próprias do Deus bom. Diferentemente do bispo de Lião, onde o Deus bom é o Criador, que impulsionado por sua Bondade, elege a Economia da Salvação da Carne e trabalha lentamente o corpo humano para levantá-lo à própria comunhão de Espírito e Vida.⁵³

Deixar-se modelar, uma experiência pneumatológica

Mas seria o ser humano um participante meramente passivo de um processo que inexoravelmente o conduziria à plenitude, sem que isso fosse de alguma maneira refletida em sua experiência existencial? A modelação divina seria uma ação exclusivamente externa à condição humana? Tais questionamentos podem e devem ser resolvidos com base no próprio pensamento do autor. Primeiramente deve-se acentuar que o “deixar-se fazer” consiste em uma atitude totalmente livre por parte do homem que se abre para acolher o Verbo encarnado.⁵⁴ É a partir desta abertura que o homem vai sendo modelado pelas Mãos do Pai, o Filho e o Espírito, progredindo em direção à perfeição através de sua incorporação à Vida de Deus.

Ireneu coloca o dom da caridade como a distinção fundamental para o humano que acolhe o Verbo Encarnado e adentra na verdadeira gnose.

“A verdadeira gnose é a doutrina dos apóstolos, é a antiga difusão da Igreja em todo o mundo, é o caráter distintivo do Corpo de Cristo que consiste na sucessão dos bispos aos

⁵² Cf. Ib. IV 39,3.

⁵³ ORBE, A. S.J., Espiritualidad de San Ireneo. Roma, Editrice Pontificia Università Gregoriana, 1989, p. 123.

⁵⁴ DE LIÃO, Ireneu. Contra as Heresias, IV 37,4.

quais foi confiada a Igreja em qualquer lugar ela esteja; é a conservação fiel das Escrituras que chegou até nós, a explicação integral dela, sem acréscimos ou subtrações, a leitura isenta de fraudes e em plena conformidade com as Escrituras, explicação correta, harmoniosa, isenta de perigos ou de blasfêmias e, mais importante, é o dom da caridade, mais precioso do que a gnose, mais glorioso do que a profecia, superior a todos os outros carismas.”⁵⁵

A caridade que transborda na justiça torna-se o grande sinal da adesão ao Cristo. O que Ireneu aponta é o futuro que irrompe o presente. A perfeição à qual está destinado o gênero humano emerge, mesmo que parcialmente, em sua vivência concreta. Esta práxis é fruto da ação do Espírito no homem, ação modeladora do Filho que imprime à fé uma prática revelada na justiça para com o próximo.⁵⁶ Assim, o humano aberto à efusão do Espírito faz a experiência de sua totalidade. Com efeito, tanto a carne modelada quanto a alma são partes do homem. Mas apenas na simbiose entre estes elementos humanos – a carne e a alma – e o Espírito é que emerge a imagem e semelhança que revela o homem perfeito. A glorificação de Deus se dará em sua criatura, na medida em que ela adquire as formas do próprio Filho de Deus, mediante a ação do Espírito.

Contudo, a ação do Espírito no humano é sempre parcial. Ele atua preparando-o paulatinamente para a incorruptibilidade, absorvendo a carne modelada em sua divindade enquanto a conduz ao desenvolvimento de sua profunda vocação: ser feito à imagem e semelhança de Deus. O primeiro passo que é realizado pelo homem, mediante a ação do Espírito, é a tomada de consciência de sua condição de filho de Deus. O ser humano é compelido a chamar Deus de “Abba, Pai!” e percebe-se capaz de refutar as paixões e realizar as obras da justiça. Dessa maneira, só através da modelação do Filho no Espírito em sua carne é que o homem fará a experiência da vida. O Espírito absorverá em si a fragilidade humana capacitando-o para cumprir o que deseja: *“A fraqueza da carne desapareceu para manifestar o poder do Espírito; o Espírito, absorvendo a fraqueza, possui em si a carne e estes dois elementos constituem o homem vivo: vivo pela participação do Espírito, homem, pela substância da carne.”⁵⁷*

No entanto, a rejeição do Dom do Espírito conduz à impossibilidade de desenvolver sua potencialidade. O homem será verdadeiramente carnal e psíquico, porém imperfeito, possuindo a imagem de Deus enquanto criatura modelada, mas sem receber a semelhança mediante a efusão do Espírito.⁵⁸ Nesta situação, o ser humano faz uma experiência de “morte”, pois não possui o Espírito que vivifica.

Delineia-se, assim, um humano que ao “deixar fazer-se”, estando aberto à inspiração do Espírito, caminha constantemente numa progressiva novidade de vida. Pela fé progride para melhor, recebe o Espírito de Deus e produz os seus frutos.⁵⁹ Este processo é conduzido pelo Espírito e o Verbo é seu paradigma. Todo movimento realizado pelo Espírito no coração humano tem como fim sua conformação com a imagem e semelhança revelada pelo Verbo humanado. Desta forma, seduzido pelo Espírito e atraído pelo Verbo, o homem progride em direção a sua perfeição.

Entretanto, o ser humano ao acolher o Espírito não é destituído de sua natureza carnal, frágil, mas assiste a uma mudança qualitativa de sua situação. Em sua condição de fragilidade torna-se capaz de transformar o seu viver, progredindo em sua humanidade. A natureza humana não é rejeitada, porém é necessária a infusão do Espírito para que esta possa desenvolver sua potencialidade, experimentando na história em que está inserida a Vida de

⁵⁵ Cf. Ib. IV 33,8.

⁵⁶ Cf. Ib. V 6,2.

⁵⁷ Cf. Ib. V 9,2.

⁵⁸ Cf. Ib. V 6,1.

⁵⁹ Cf. Ib. V 10,1.

Deus. Esta vida ocorre pelo conhecimento de Deus possibilitado pela Encarnação do Verbo e no acolhimento do Espírito que culmina na renovação do homem. O Espírito restaura a semelhança de Deus à qual o homem fora modelado.

Portanto, a vida é adquirida pela restauração realizada pelo Espírito na carne humana. *“A vida adquire-se pela cura e a incorruptibilidade pela vida. Portanto, quem dá a cura dá também a vida, e quem dá a vida concede também a incorruptibilidade à sua criatura.”*⁶⁰

Dessa forma, a modelação humana continua ao longo da história mediante a ação do Espírito, que prepara a criatura para receber em seu corpo a força de Deus. No acolhimento da atuação do Espírito em si o homem percebe-se capacitado para frutificar os dons que lhe fora confiado. Ireneu aponta a modelação do Espírito como fonte da vida que deve ser desenvolvida pelo gênero humano. Com efeito, Jesus confiara o homem ao Espírito, para que sob sua moção possa progredir na imagem do Filho. Afinal, é habitando a carne do Filho de Deus feito homem que o Espírito acostuma-se a habitar nos homens e na criação para realizar nelas a vontade do Pai, renovando-as do velho para a nova vida em Cristo.⁶¹

É na humanidade do Verbo que o homem conhece sua salvação: *“O Filho de Deus, Jesus Cristo, pelo seu poder, por meio do Espírito de Santidade, em seguida à ressurreição dos mortos, para ser o primogênito dos mortos, como é o primogênito de toda a criação, Filho de Deus, feito Filho do homem, para que recebêssemos a adoção de filhos, enquanto o homem traz, contém e abraça o Filho de Deus.”*⁶²

Na experiência de sua humanidade o homem mergulha na espiral de humanização que vai do acolhimento do Espírito ao segmento do Verbo. Este segundo passo é consequência de sua docilidade à atuação modeladora das Mãos divinas. O homem, longe de permanecer passivo ou alienado, progride num movimento que o conduzirá ao amadurecimento, recebendo de Deus a graça de maneira sempre mais abundante e recebendo no tempo oportuno a herança da incorruptibilidade para sua perfeição.⁶³

Entretanto, esta perfeição deve ser experimentada na prática concreta da caridade. *“É a caridade que torna o homem perfeito e quem ama a Deus é perfeito nesse e no outro mundo”*.⁶⁴ Para Ireneu é no segmento do Verbo que o homem se humaniza e caminha para a salvação. É o Filho que leva o homem à comunhão e união com Deus.⁶⁵ E esta comunhão só é possível quando, na abertura ao Espírito, o humano diviniza-se pelo amor solidário. Desta maneira, as Mãos divinas modelam e aperfeiçoam o homem na semelhança com Deus, dando-lhe aumento e acabamento através da prática do amor.

“Seguir o Salvador é participar de sua salvação”.⁶⁶ O seguimento não é uma necessidade de Deus, mas uma necessidade humana. O homem precisa da comunhão com Deus e, nesta comunhão, o segmento é o local onde o barro adquire cada vez mais a semelhança com o seu paradigma, o Verbo, e a capacidade de participar da incorruptibilidade do Pai, mediante o Espírito. A glória do homem é, portanto, perseverar e permanecer no serviço de Deus.⁶⁷ A prática da justiça, como fruto do acolhimento do amor divino, é a participação na glória do Senhor que os modelou.

No pensamento ireneano, a comunhão com Deus conduz o gênero humano aos atos de justiça. Esse movimento é parte da pedagogia divina. Pode ser verificado na maneira como Deus conduziu o povo do Antigo Testamento, preparando-o para a vinda do Verbo. Da mesma forma, toda a humanidade está envolvida nesta pedagogia. *“Deus preparava o gênero*

⁶⁰ Cf. Ib. V 12,1.

⁶¹ Cf. Ib. III 17,1.

⁶² Cf. Ib. III 16,3.

⁶³ Cf. Ib. IV 9,3.

⁶⁴ Cf. Ib. IV 12, 1.

⁶⁵ Cf. Ib. IV 13,1.

⁶⁶ Cf. Ib. IV 14,1.

⁶⁷ Cf. Ib. IV 14,1.

humano em vista da sinfonia da salvação”.⁶⁸ Deus educava o homem ao longo da história conduzindo-o pelo caminho da justiça, impulsionado pelo Espírito, prescrevendo uma lei apta e adequada a toda criatura.

*“Prescreveu ainda o amor a Deus e ensinou a justiça para com o próximo, para que o homem não fosse injusto nem indigno de Deus. Preparava-o assim pelo Decálogo para a sua amizade e a concórdia com o próximo; tais coisas eram proveitosas para o próprio homem e Deus nada mais solicitava dele.”*⁶⁹

A docilidade humana à ação das Mãos divinas culminará numa práxis alicerçada na liberdade.⁷⁰ O homem se torna partícipe de Deus, participando da Vida divina na história concreta em que está inserido, crescendo e aperfeiçoando sua conduta no segmento do Verbo de Deus. Este processo ocorre no gênero humano desde sua modelação, pois o Verbo está desde sempre presente na humanidade por meio de economias diversas e atuando de muitas maneiras desde seus primórdios. Porém, tal Economia só é revelada plenamente na Encarnação do Filho de Deus feito Filho do homem, misturando à carne humana a semente do Pai, o Espírito, e tornando o homem filho vivente do Deus vivente. Vivente porque participa da vida própria de Deus, vida que é refletida na justiça, mesmo que isso os conduza à perseguição.⁷¹

Dessa forma, Ireneu afirma que a ação do Espírito em nós, além de preparar nossa corporalidade para a deificação, penetrando e sendo penetrada pela incorruptibilidade de Deus, nos confere, ao longo da história, a possibilidade de desenvolvermos a perfeição através da prática concreta da justiça que nos aproxima do caminho realizado pelo Verbo feito homem. *“Ao mesmo tempo, manifestou que nos devemos adornar com as obras da justiça, pois não basta ser chamados, para que repouse sobre nós o Espírito de Deus.”*⁷²

Assim sendo, a docilidade à qual o autor convida o gênero humano não consiste em mera passividade alheia à realidade do mundo. Tal docilidade impulsiona o homem, que inserido neste movimento progressivo em direção à divinização, deve deixar-se modelar pelas Mãos divinas experimentando em sua práxis a atuação do Espírito em seu corpo.

Conclusões

O estudo da obra ireneana permitiu uma melhor compreensão da noção antropológica do autor, que se descobre dotada de profunda atualidade. Em sua obra emerge um ser humano mergulhado num profundo e contínuo processo histórico de deificação. No diálogo com o gnosticismo recusa qualquer negação da livre iniciativa divina na criação do homem, assim como acentua a necessidade da compreensão humana de sua “criaturalidade”.

Sua reflexão, alicerçada na Tradição, na Sagrada Escritura e na própria experiência humana inserida na criação, apresenta um Criador que conduz o homem no seio de sua história e no dom de sua liberdade, para sua plenitude. Plenitude que abarca o ser humano em sua totalidade – corpo e alma – e em sua fragilidade. Entretanto, exatamente na fragilidade humana o autor descobre a arte de Deus. Afinal, é esta condição frágil que na plenitude dos tempos é assumida pelo Verbo de Deus na Encarnação para que, pela sua divindade, ela seja capaz de corresponder ao chamado de participar da Vida divina, mediante o processo deificante iniciado desde sua modelação. Com efeito, é nessa fragilidade, tão própria da criatura, que será manifesta o amor divino. Fragilidade que ao ser assumida, com todas as suas conseqüências, permite que a modelação divina continue durante a história tornando o homem sempre mais semelhante ao seu Criador, através do suave toque de suas Mãos.

⁶⁸ Cf. Ib. IV 14,3.

⁶⁹ Cf. Ib. IV 16,3.

⁷⁰ Cf. Ib. Iv 37,1.

⁷¹ Cf. Ib. IV 33,9.

⁷² Cf. Ib. IV 36,6.

O homem é elevado às alturas de Deus, sem, no entanto, abandonar sua condição humana. O seu corpo, modelado da mesma matéria corruptível do universo, será assimilado na eternidade do Criador, onde crescerá e amadurecerá sempre mais na plenitude, haurindo da carne gloriosa do Cristo sua própria glória. A distância existente entre a criatura e o Criador será rompida. Mergulhará a criatura na incorruptibilidade de Deus e viverá a Vida própria do Pai.

Contudo, esta divinização humana não ocorrerá subitamente. O gênero humano inserido na criação e no tempo deve amadurecer, crescendo para receber o Dom divino em seu corpo. Esse amadurecimento ocorre ao longo de toda a Economia Salvífica, que atuando na história prepara o plasma humano para ser receptáculo da glória de Deus. Dessa forma, a plasmação do homem pelas Mãos de Deus – o Verbo e o Espírito – já apontam para essa união íntima entre sua imanência e a transcendência divina. A carne humana será disciplinada para acolher a Eternidade. A história humana está, portanto, dotada de eficácia salvífica. A salvação ocorrerá ao longo de toda a caminhada do homem até a consumação. Depreende-se, assim, uma história dinâmica, evolutiva no processo divinizador que o homem está inserido que desembocará no mergulho da humanidade na Eternidade.

Porém, mesmo que a maturação do corpo para a eternidade seja fruto da ação do Espírito, onde a criatura será assumida na Vida do Criador, este processo deve refletir na existência concreta do humano que acolhe a modelação de Deus. A experiência da modelação traz ao homem a capacidade de desenvolver, na situação concreta da história, a imagem divina que lhe foi impressa. De fato, o Verbo ao assumir nossa situação humana não traz uma salvação estática, mas reveladora. Primeiramente, revela Deus ao homem. No Verbo o homem pode contemplar Aquele que o modelou. Depois, revela o humano ao homem. No Cristo o homem descobre a Imagem á qual fora modelado. Ele é o paradigma de nossa humanidade. Mas, para que o ser humano possa viver o dom de sua humanidade no movimento de modelação histórica lhe é concedida o Pneuma. Com efeito, na carne do Cristo, em sua humanidade o Espírito aprendeu a habitar no humano, para que após a ressurreição, ao ser concedido aos homens, estes possam ser conduzidos, mediante a vivência da prática da justiça, no seguimento do Verbo.

Por tudo isso a antropologia de Ireneu desdobra-se num processo contínuo de modelação do homem. A ação criadora de Deus permeia toda a história humana, não pertencendo a uma lembrança contínua, mas plasmando continuamente ao homem, centro da criação, capacitando-o para que possa viver na Vida de Deus.

Referências

- 1 - DE LIÃO, Ireneu. **Contra as Heresias**. / [Introdução, notas e comentários Helcion Ribeiro; organização das notas bíblicas Roque Frangiotti; tradução Lourenço Costa]. São Paulo, Ed. Paulus, 1995, 624p.
- 2 - ORBE, A. S. I., **Antropología de San Ireneo**. Madrid, Editorial Catolica, S. A., 1969, pp. 7 – 146.
- 3 – ORBE, A. S.J., **Introduccion a la Teologia de los Siglos II y III**. Roma, Editrice Pontificia Università Gregoriana, 1987, 1053p.
- 4 - ORBE, A. S.J., **Espiritualidad de San Ireneo**. Roma, Editrice Pontificia Università Gregoriana, 1989, 338p.
- 5 - RÚBIO, A. G. **Unidade na Pluralidade: o ser humano a luz da fé e da reflexão cristã**. 3. ed. Ver. ampl. São Paulo, Paulus. 2001. 695p.

6 - DROBNER, H., R. **Manual de Patrologia**. Rio de Janeiro, Vozes, 1995, pp. 100 – 118.

7 - GARCIA, F. B. **Aspectos Incomuns do Sagrado** [Tradução de Ivo Stomido]. São Paulo, Ed. Paulus, 2002, pp137 – 177.